

Rozemere Cardoso de Souza • Josenaide Engracia dos Santos

O R G A N I Z A D O R A S

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA APRENDIZAGEM

EM SAÚDE MENTAL

E SAÚDE DA FAMÍLIA

Débora Cristiane Silva Flores Lino • Erika Antunes Vasconcellos
George Amaral Santos • João Mendes de Lima Júnior
Laura Regia Oliveira Cordeiro • Luís Fernando Tófoli
Nairan Morais Caldas • Viviane dos Santos Souza

Apoio:



Ilhéus - Bahia



2014



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Júnior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Roseanne Montargil Rocha

Silvia Maria Santos Carvalho

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Marcel Santos

FINALIZAÇÃO
Alencar Júnior

REVISÃO
Genebaldo Pinto Ribeiro
Paulo Roberto Alves dos Santos
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C756 Construção social da aprendizagem em saúde mental e
saúde da família / Rozemere Cardoso de Souza,
Josenaide Engracia dos Santos, organizadoras ;
Débora Cristiane Silva Flores Lino ... [et al.]. – Ilhéus,
BA : Editus, 2014.
216 p.

Inclui referências.
ISBN: 978-85-7455-350-4

1. Psicologia social. 2. Serviços de saúde mental.
3. Família – Saúde e higiene. 4. Aprendizagem. 5.
Ensino. 6. Enfermagem Psiquiátrica. I. Souza, Rozemere
Cardoso de. II. Santos, Josenaide Engracia dos. III. Lino,
Débora Cristiane Silva Flores.

CDD 302

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Autores

Débora Cristiane Silva Flores Lino

Psicóloga. Mestranda em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Especialista em Psicologia Social e em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), Ilhéus, Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc.

Erika Antunes Vasconcellos

Psicóloga. Doutora em Ciências Médicas na área da Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM/Unicamp). Professora adjunta da Uesc, Ilhéus, Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc.

George Amaral Santos

Enfermeiro. Mestrando em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA), Salvador, Bahia. Especialista em Saúde Coletiva com área de concentração em Saúde Mental. Membro do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc e do Grupo de Estudos sobre a Universidade Brasileira ISC/UFBA.

João Mendes de Lima Júnior

Psicólogo. Mestre em Letras, com interface em Linguística e Psicanálise. Professor assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Santo Antônio de Jesus, Bahia.

Josenaide Engracia dos Santos

Terapeuta Ocupacional. Psicóloga. Doutora em Ciências Sociais pela UFBA. Professora da Universidade de Brasília (UNB), Brasília, Distrito Federal. Professora Colaboradora do Núcleo de Saúde Mental do Programa de Residência

Multiprofissional em Saúde da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Salvador, Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc.

Laura Regia Oliveira Cordeiro

Médica. Ex-bolsista do Programa de Iniciação Científica da Uesc vinculado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). Membro do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc.

Luís Fernando Tófoli

Médico Psiquiatra. Professor adjunto do Curso de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, do *campus* de Sobral, da Universidade Federal do Ceará.

Nairan Moraes Caldas

Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFBA. Especialista em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP). Professora assistente da Uesc, Ilhéus, Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc.

Rozemere Cardoso de Souza

Enfermeira. Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP. Professora titular da Uesc, Ilhéus, Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc.

Viviane dos Santos Souza

Enfermeira. Mestre em Enfermagem e Saúde pela Uesb. Especialista em Saúde Mental pela Uesc. Professora assistente da Uesc. Membro do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental da Uesc e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental: Loucos por Cidadania da Uesb.

Prefácio

Luís Fernando Tófoli

Após refletir por algum tempo sobre o convite feito para prefaciар *Construção social da aprendizagem em saúde mental e saúde da família*, decidi que a melhor maneira de abrir a obra seria contar um episódio que, apesar de à primeira vista ter pouco a ver com o universo da saúde mental na saúde da família, pode revelar, insuspeitadamente, o maior desafio que é posto dentro deste campo, como eu o entendo.

A história não é minha – é de uma amiga há muito tempo envolvida nos movimentos populares, mas é verdadeira. Ela aconteceu lá pelos idos do início da década de 1980, quando éramos um país em ebulição diante das novas possibilidades que o fim iminente do período do regime autoritário trazia – e que, entre outras inovações, trouxe a conquista do Sistema Único de Saúde.

Conta-se que em visitas feitas pelo educador Paulo Freire ao estado do Ceará, ele se encontrou com frequência com moradores de localidades com altos índices de analfabetismo e dificuldades para o exercício de sua cidadania. Esses encontros eram organizados dentro do modelo freireano conhecido como *círculos de cultura*. Em um desses círculos, ele foi recebido com certa reverência pelos educandos; afinal de contas, ali chegava um renomado professor que, apesar de nordestino, como eles, era recém-chegado do

exílio e o inspirador do tal círculo de cultura do qual eles participavam.

Paulo Freire não se fez de rogado e, diante daquela deferência toda, explicou que assim como havia coisas que ele sabia e fazia que eles não sabiam e nem faziam, os membros da comunidade também tinham conhecimentos e práticas que ele não dominava. O círculo seguiu seu ritmo, e, não depois de muito tempo, o grupo passou a discutir situações do cotidiano recente da comunidade. Alguém, então, fez menção a uma morte que havia acontecido por conta da queda de um “quebrador”. Freire (2002, p. 3) interveio: “Eu não disse que tinha coisas que vocês sabiam e eu não? Eu não sei o que é um ‘quebrador’. Vocês vão ter que ensinar isso para mim”.

E então os educandos ensinaram que “quebrador” era o termo usado para uma escora que suporta a parede de um poço em construção, e que eram frequentes as mortes de cavadores de poço quando esta estrutura cedia, soterrando os trabalhadores.

Paulo Freire, nessa pequena passagem, encarnou, na prática, uma série de máximas sobre o processo de ensino que ele veio a cristalizar, no primeiro capítulo da obra *Pedagogia da autonomia* em 1996 (FREIRE, 2002, p. 3). Dentre elas, destacam-se: “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”.

Ao longo desse capítulo, todas as frases que definem o ato de ensinar, segundo Paulo Freire, estão ligadas, de alguma forma, ao conteúdo ou ao escopo de

Construção social da aprendizagem em saúde mental e saúde da família. Elas incluem, além das citadas, a valorização da pesquisa, do rigor metodológico, do pensamento crítico, da ética e da estética (ou, como Freire gostava de dizer, “decência e boniteza” (2002, p. 20)) e da ligação entre teoria e prática como apoios fundamentais para o ato de educar.

Por fim, a nona frase de Freire sobre o ensinar – que é, provavelmente, a menos explícita delas – merece ser olhada com mais cuidado dentro do tema que será explorado pelo livro organizado por Rozemere Cardoso de Souza e Josenaide Engracia dos Santos: “Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (2002, p. 18). Como assim, assunção da identidade cultural? E o que isso tem a ver com saúde mental na atenção primária?

Podemos compreender que o trabalho em saúde configura uma subcultura, ou seja, um universo de códigos e símbolos específicos que são compartilhados somente entre as pessoas que trabalham com saúde. Dentro dessa subcultura existem diversas outras. A saúde mental e a saúde da família são dois campos com características, valores, missões e cotidianos muito peculiares. Alguns desses elementos são bastante sobreponíveis. Como exemplo, podemos citar a importância, para ambas, do conceito de comunidade e da herança histórica advinda da reforma sanitária. Outros pontos, no entanto, são bastante distintos, especialmente aqueles que tocam o trabalho cotidiano nos serviços de saúde mental e nas Equipes de Saúde da Família. Há, portanto, identidades culturais que se apresentam e se ocultam nesse processo.

É frequente que os profissionais de saúde mental se coloquem e sejam vistos como detentores de um conhecimento específico (e, por vezes, hermético) do qual os profissionais da saúde da família não desfrutariam. É muito tentador, por isso, que profissionais de apoio matricial, núcleos de apoio à saúde da família e outros “mentaleiros” se coloquem no lugar dos ‘sabidos’. Relembrar a frase de Paulo Freire sobre identidade cultural é uma das formas de escapar desta tendência quase que natural nas relações entre “especialistas” e “generalistas”.

Assim como Paulo Freire fez no círculo de cultura, é necessário estar ciente de que há diversas coisas que o profissional de saúde mental **não sabe** e que precisará aprender com os profissionais da atenção primária. Aqui, claramente, não se trata de um processo de aprendizagem de mão única, mas, por excelência, de uma troca entre universos que se encontram.

Para isso, portanto, é absolutamente essencial reconhecer e, ao mesmo tempo, assumir a identidade cultural (no caso, os códigos e vicissitudes da saúde mental e da saúde da família) de cada parte envolvida – a sua e a do outro. Apenas na posição de respeito com seu próprio lugar e com o lugar do outro é que as trocas podem se tornar produtivas, renovadoras, transformadoras.

Acredito que este livro tem muito a contribuir neste sentido. Mais do que um texto acadêmico sobre as dificuldades da interlocução entre esses dois universos, ele propõe bases didáticas para buscar e encontrar saídas factíveis para os dilemas que se apresentam neste campo.

Celebrando, portanto, a força da metáfora como elemento constituinte do processo de ensino-aprendizagem – aliás, um tema que nos é trazido pelo último capítulo de *Construção social da aprendizagem em saúde mental e saúde da família* – quero encerrar, lembrando que o encontro entre profissionais de saúde mental e da saúde da família não precisa ser visto como uma luta, uma batalha.

Existem desafios, é evidente, mas para superá-los, precisamos estar juntos em uníssono, e não em conflito. Muito melhor que a imagem da peleja é a metáfora da dança a dois. De início, cada lado dessa dança – com seu gingado, suas características corporais, sua história – precisará de um tempo para se acostumar com o jeito do parceiro-dançante. Aos poucos, se houver um componente importantíssimo nesse desafio, que é o prazer da experiência da troca – e que, muitas vezes, precisa ser conquistado – os corpos se entendem e geram a harmonia da dança em um só ritmo. É na busca desse ritmo que damos, recebemos e podemos construir saberes fronteiriços e transformadores. Não percamos o ritmo da dança, portanto.

Chegou a hora de começar a ler o livro.

Referência

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Sumário

INTRODUÇÃO - Construção social do processo ensino/aprendizagem em saúde mental

Rozemere Cardoso de Souza

Josenaide Engracia dos Santos 17

CAPÍTULO 1 - Concepções de saúde mental de equipes de saúde da família

Josenaide Engracia dos Santos

Rozemere Cardoso de Souza

Erika Antunes Vasconcellos27

CAPÍTULO 2 - Cotidiano de equipes de saúde da família: perturbações por uso de substâncias psicoativas

Josenaide Engracia dos Santos

Rozemere Cardoso de Souza53

CAPÍTULO 3 - Recursos existentes, limitações e os desafios para a promoção do cuidado em saúde mental e saúde da família

Josenaide Engracia dos Santos

Erika Antunes Vasconcellos65

CAPÍTULO 4 - Aprendizagem em saúde mental e saúde da família: o contexto das instituições de ensino superior

João Mendes de Lima Júnior

Nairan Moraes Caldas

Débora Cristiane Silva Flores Lino 83

CAPÍTULO 5 - Demandas de aprendizagem em saúde mental e saúde da família

George Amaral Santos

Rozemere Cardoso de Souza 129

CAPÍTULO 6 - Estratégias metodológicas para a construção da aprendizagem em saúde mental

Viviane dos Santos Souza

George Amaral Santos

Laura Regia Oliveira Cordeiro..... 155

CAPÍTULO 7 - Experiências de ensino/aprendizagem como produto da pesquisa em saúde mental e saúde da família

Rozemere Cardoso de Souza

Josenaide Engracia dos Santos

Viviane dos Santos Souza

Nairan Morais Caldas 181